

700910

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14073
Data 14 / 09 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014073

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A Manutenção dos Estereótipos Em Monteiro Lobato: A Questão do Negro

Taires Aparecida Araújo

087.5
A663m
25.01

PONTES E LACERDA, MT.

2009/1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LETRAS

A Manutenção Dos Estereótipos Em Monteiro Lobato: A Questão Do Negro

Taires Aparecida Araújo

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras
apresentada ao Departamento de Letras (DL) da
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial
para obtenção do título de graduada em Letras,
sob orientação Professor Epaminondas de Matos Magalhães.

PONTES E LACERDA, MT.

2009/1

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca

Prof. Epaminondas de Matos Magalhães
Orientador

Profª. Larissa Aparecida S. Claro
UFMT

Rosely Aparecida Romanelli
UNEMAT

Dedico essa pesquisa a minha mãe, meu pai,
minha filha meus maiores incentivo durante
todo o curso.

AGRADECIMENTOS

A minha família, professores e amigos, a todos que contribuíram para a realização desse trabalho e finalização desse curso.

Ao professor e orientador Epaminondas de Matos Magalhães que disponibilizou parte do material necessário para realização das pesquisas. Não permitindo que desanimasse em nenhum momento.

“... no Brasil ninguém pode gabar-se de que
entre seus avós não haja quem não tenha
puxado flecha ou tocado marimba” *Bernardo
Guimarães*

RESUMO

Esse trabalho faz uma síntese da imagem do negro na literatura infantil de Monteiro Lobato. Para isso o trabalho inicia se a partir do processo de inferiorização do negro que vai desde o fator da escravidão as principais teorias racistas do século XX. O trabalho seque fazendo uma análise do silenciamento do negro na literatura que vai desde a exclusão do negro no processo de construção da identidade nacional, até as obras de Aluísio de Azevedo.

Após esse trajeto vamos analisar de que forma os estereótipos são apresentados na obra de Monteiro Lobato através da personagem negra de Tia Nastácia utilizando se das obras Memórias da Emília, Reinações de Narizinho e Histórias de Tia Nastácia.

Palavras-chaves: estereótipos, negro e literatura.

SUMÁRIO

Introdução	7
I - O Processo de Inferiorização do Negro.....	8
II - O Silenciamento do Negro na Literatura: de Antonio Vieira à Lobato	13
III - Tia Nastácia imagem em construção: a manutenção de estereótipos em Monteiro Lobato.	19
Conclusão.....	23
Referência bibliografia	24

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe analisar os estereótipos a cerca do negro sendo eles positivos ou negativos conforme os divide David Brookshaw nosso principal nome durante todo trabalho. Sendo assim faz se necessário refazer o percurso de inferiorização do negro, assim como consequentemente seu silenciamento na literatura, citando autores como Gregório de Matos, Bernardo Guimarães, Aluisio de Azevedo, mas focalizando se na obra infantil de Monteiro Lobato tomando como cerne para discussão as obras Memórias da Emilia, História de Tia Nastácia e Reinações de Narizinho.

I - O PROCESSO DE INFERIORIZAÇÃO DO NEGRO

Nesse primeiro capítulo propomos uma análise dos estereótipos a cerca do negro e o processo de estereotipização que vai desde as escolas de teorias racistas a tempos atuais, para discutirmos esse processo funcionando ou melhor dizendo/ocorrendo nas obras de Monteiro Lobato.

Inicialmente trabalharemos esse conceito que é definido por Zilá Bernd:

“O que é estereotipo? O estereótipo parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só individuo. Conheci um gordo que era preguiçoso, um judeu desonesto e um negro ignorante, por exemplo, e generalizo, afirmando que “todo gordo é preguiçoso”, “todo judeu é desonesto” e “todos os negros são inferiores aos brancos.”(in FRANCA 2006:31)

Tendo em vista a definição acrescentaremos a ele uma formulação ideológica de dominação que se dá a partir da ignorância ou mesmo da tentativa de tirar proveito de uma determinada situação, como ocorre com o negro, sendo assim fica mais fácil fazer uma relação de onde e porque surgiram essas generalizações. Iniciaremos essa reflexão a partir da simbologia da cor preta, que vai desde a passividade absoluta, fertilidade e maldade no dicionário de símbolos de Jean Chevalier podemos encontrar definições como:

“(...) se o preto se liga á idéia do mal, isto é, a tudo o que contraria ou retarda o plano de evolução desejado pelo Divino, é que o preto evoca o que os Hindus chamam de a Ignorância a sombra de Jung, a diabólica Serpente Dragão das mitologias que é preciso vencer em si mesmo para assegurar sua própria metamorfose, mas que nos trai a cada momento.” (CHEVALIER,2003:743)

E impossível negar que essas definições de certa forma sejam responsáveis pela inferiorização do negro.

As teorias racistas do século XIX também contribuíram para uma imagem deturpada do negro, destacaremos aqui duas das mais importantes sendo elas a escola etnológico-biológica que acreditava que as diferenças físicas e culturais dos homens eram resultantes de mutações genéticas e o darwinismo que também acreditava em um processo de evolução semelhante. Neste as raças superiores alcançariam poder e *status* enquanto as inferiores

estariam destinadas ao desaparecimento. Fica claro nessas teorias a afirmação de uma suposta superioridade européia, comprovada pelo evolucionismo.

Na segunda metade desse mesmo século aparecem as correntes teóricas, no entanto essas ainda não se deslocam da idéia de afirmação de uma suposta superioridade do branco. Aqui destacaremos o Arianismo que tem seu principal teórico Gobineau, esse acreditava na superioridade da raça ariana defronte as demais, além de abominar a miscigenação, segundo Skimore (1976-46) Gobineau em visita ao Brasil no ano de 1868 “detestou o país” já que esse é “culturalmente estagnado” e os brasileiros uma população “manchada” pela miscigenação, e acrescenta “todo mundo é feio aqui, mas incrivelmente feio como macacos”.

Outra corrente teórica importante para esse processo é o positivismo que ainda conta com hipótese da seleção natural, porém acrescenta um estado positivista onde o progresso é mais importante que o indivíduo, esse deveria se subordinar para o progresso da espécie e da sociedade. No entanto, suas “reais intenções” era dizer que a população que ainda estava despreparada para esse progresso, ou seja, o negro, nada mais seria que coadjuvante para o progresso da elite.

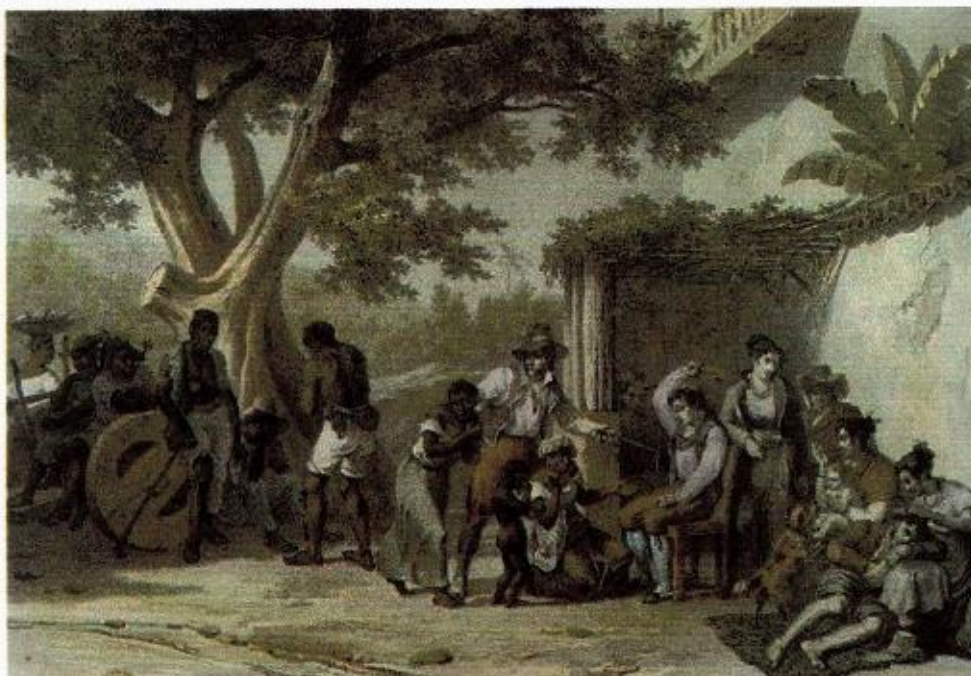
Apesar da aversão dessas teorias a miscigenação, e conseqüentemente aos países na qual ela ocorre, essas teorias chegaram ao Brasil e tivemos como principais pensadores Silvio Romero, Raymundo Nina e Manoel Bonfim.

Silvio Romero vê o negro como semibárbaro e infantil, e ainda atribui segundo Luiz Fernando em sua dissertação de mestrado intitulada “Personagens Negras na Literatura Infantil Brasileira: da Manutenção à Desconstrução do Estereótipo” o “atraso do Brasil como resultado da união de três raças inferiores: o português o índio e o negro.” Raymundo Nina numa visão etnocêntrica ainda acrescenta a esse discurso racista, que o negro seria incapaz de se adequar a civilização e que caberia a minoria ariana, residentes no Brasil, se defender dos atos anti-sociais das raças inferiores. Observe que Silvio Romero e Raymundo Nina parecem descrever um animal irracional e não um ser humano, hipótese que foi indiscutivelmente aceita na época, mas que hoje provoca um estranhamento, haja vista somente um animal irracional poder ser chamado de “incapaz.”

Manoel Bonfim passa a ver a situação do negro de forma diferente, ele avalia a miscigenação como elemento reequilibrador dos aspectos negativos do colonizador, o problema está nas raças que integram a miscigenação e não nela própria, esse foi altamente criticado já que sua teoria não estava em concordância com a da elite brasileira da época.

Silvio Romero e Raymundo Nina vêem a miscigenação como a decadência e atraso do Brasil e viam no branqueamento a salvação para o país enquanto que Manoel Bonfim vê nela a possibilidade de renovação e melhoramento.

No entanto, não somente as teorias racistas do século XIX contribuíram para o processo de construção de estereótipos, outro elemento crucial na formação dessa imagem estereotipada do negro hoje, foi a chegada do negro vindo da África ao Brasil, desde o início da história da colonização vemos o negro em um lugar desprivilegiado, humilhado, sem direito sequer as necessidades mais básicas do ser humano, sem direito de reclamar das péssimas condições de trabalho, de moradia, de alimentação, sendo quase que diariamente chicoteados por descumprirem as ordens absurdas e massacrantes de seus senhores, eram usados principalmente na agricultura açucareira e na cafeicultura, bases da economia da época. Eram trazidos à força e não gozavam da companhia familiar, as mulheres que amamentavam se necessário, deixariam de amamentar seus filhos para amamentar os dos senhores feudais, as crianças desde muito cedo aprendiam a trabalhar nas lavouras e não deveriam brincar com as crianças brancas, e as jovens escolhidas por seus senhores eram submetidas à vontades sexuais desses, sendo assim temos a descaracterização ou extinção absoluta da instituição família.



castigos domésticos, rugendas BMSP

Na ilustração vemos os negros sendo castigados (chicoteados) pelo “capitão do mato”. Esses eram brancos demais para serem escravos, negros demais e pobres demais para serem senhores de feudos, eram frutos da miscigenação.

A humilhação do negro é evidente obrigado a se ajoelhar e não reagir aos maus tratos sofridos. Observe a criança ao lado de sua mãe, se acostumando desde cedo com esse regime.

Foram três séculos em regime de escravidão e só depois de lutas, como a formação de quilombos e da morte de vários escravos, que no ano de 1888 a Princesa Isabel decreta a lei Áurea onde liberta os escravos.

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém. (lei Áurea)

No texto acima temos parte da referida Lei que libertava os escravos dos senhores feudais, no entanto não os libertavam na sociedade que não estava pronta para o negro assim como o negro não estava para ela. Ao serem libertos os negros se viram defronte uma sociedade que buscava a “consolidação da republicana e desenvolvimento do capitalismo industrial”. Nesse ambiente as oportunidades do negro se destacar eram poucas. Na indústria não tinha qualificação, nas lavouras onde já trabalhavam enquanto escravos não contavam com a confiança dos fazendeiros que temiam que estes abandonassem o trabalho, isso porque se espalhava cada vez mais o estereótipo do “negro preguiçoso” o que L.Fernando chama de “desocupação disfarçada”.

Sem emprego os negros passaram a ficar mais desocupados, quase sempre encostados em bares, direito que não gozavam enquanto escravos o de viver em grupo, isso foi construindo uma imagem deturpada do negro. Sua desocupação era decorrente dos empregos da indústria que estavam sempre ocupados pelos imigrantes que representavam mão de obra barata e capacitada além de realizar o sonho dos intelectuais brasileiros como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Raymundo Nina e outros que acreditavam que a solução para o país era o “branqueamento”. Sendo assim o negro não poderia com todo seu histórico de escravidão competir com os imigrantes.

(...) “o trabalho livre e assalariado eram noções desconhecidas pelo liberto que diante da rapidez das transformações, ainda não havia assimilado a ideia de que na relação trabalhador/patrão estava apenas vendendo a sua força de trabalho e não os direitos sobre a sua própria pessoa, como acontecia no antigo regime.” (FRANÇA 2006-23)

Vê-se que o negro trazia consigo marcas dos três longos séculos de escravidão e que ainda não se acostumará com esse novo modo de vida.

Da frequente estadia nos bares surge o estereótipo do “negro preguiçoso”, “vagabundo” assim como a falta de emprego empurra-o para criminalidade e ao vício, resultado do processo de inserção dos libertos que não mais contavam com auxílio, nem da princesa Isabel, nem dos abolicionistas. Caso os auxílios governamentais dados hoje em dia fossem empregados na hora certa, não teríamos ainda marcas da marginalização, como os esteréotipos que são pronunciados hoje, quase que de maneira involuntária. Discursos como “só é bandido quem quer” ou “está nessa vida porque é vagabundo ou porque gosta” foram gerados exatamente pelo processo de marginalização do negro decorrentes de situações já esclarecidas.

Essa marginalização ou manutenção prossegue através da literatura. São poucas vezes que pode-se observar o negro presente na literatura brasileira, quando este aparece é de forma inferiorizada. Isso se inicia com a tentativa dos intelectuais em formar uma identidade nacional quando o que vemos exposto é a figura do branco com seu espírito colonizador, sua inteligência e a figura do índio com sua coragem, inocência considerado pelos pensadores da época bom por natureza, enquanto o negro com uma imagem inferiorizada, depreciaria a imagem que esses intelectuais tentavam criar sendo assim, excluído desse processo.

Uma das primeiras impressões do Brasil está presente na *Carta de Achamento do Brasil* de Pero Vaz de Caminha. Temos ali uma descrição deslumbrada dos aborígenes, que certamente contribuiu para a consolidação da imagem dócil e corajosa do índio presente no processo de construção de identidade nacional.

II - O SILENCIAMENTO DO NEGRO NA LITERATURA: DE ANTÔNIO VIEIRA Á LOBATO

Tendo em vista todo esse processo de inferiorização do negro, veremos nesse capítulo como os estereótipos se apresentam na literatura desde a colônia, até nosso principal autor Monteiro Lobato.

Logo se nota que o que J. Martiniano denomina em “Preconceito à Brasileira” de “*velhíssima suposição de inferioridade inata do negro*” já o perseguia e se arrasta através dos sermões do padre Antônio Vieira, nesses o negro só teria valor quando batizado. Isso porque o batismo era uma forma de afirmar a suposta superioridade dos brancos, o referido padre em determinado momento de seus sermões coloca “*depois de nos o fazermos brancos pelo batismo, eles os querem fazer escravos por negros.*” Sendo assim o negro passa a ser sinônimo de escravidão e somente o batismo poderia diminuir a distância racial e conceber a mínima dignidade a negros e índios.

Mesmo vivendo em péssimas condições, o negro deveria se batizar para manter sua posição de escravo o que para Antônio Vieira seria um modo de vida que se assemelhava ao sofrimento de Jesus Cristo “*bem aventurados vós se souberdes conhecer a fortuna do vosso estado(...)que se for acompanhado de paciência também terá merecimento de martírio.*” Nesse trecho podemos perceber a tentativa de exaltação da condição de escravo, trazendo uma idéia de conformismo e aceitação características da oratória religiosa. Pode se notar nos sermões do padre Antônio Vieira uma apologia ao embranquecimento assim como uma negação do negro já que nem mesmo perante a entidade igreja ele possuía valor superior a um mero escravo.

Na poesia o principal nome quanto a “criação e dissiminação de estereótipos a cerca do negro temos o poeta Gregório de Matos Guerra (1636) esse nascido em Salvador, mas morou boa parte de sua vida em Portugal, apelidado de Boca do inferno devido sua sátira fortemente influenciado por poetas portugueses, *reflexo da vida diária* é assim que Massaud Moisés descreve a poesia de Gregório de Matos, ainda acrescenta, esse “*covocava para dentro de seus versos uma noção políticas e sociais ainda hoje distantes*”.

Imaginais que os insensato
do cazarrão fala tanto
porque sabe tanto, ou quanto?
Não, senão porque é mulato;
ter sangue de carrapato
ter estoraque de congo,

cheirar-lhe a roupa a mondongo
é cifra de perfeição;
Milagres do Brasil são.

Seus poemas demonstram sua repulsa ao negro e à miscigenação. No trecho do poema Milagres do Brasil transcrito acima, pode-se ver explicitamente seu desprezo pela figura do negro sempre dando a ele adjetivos relacionados a animais “carapato, mondongo”. O mesmo pode ser visto ainda em dias atuais em discursos racistas que mantêm esses estereótipos a cerca do negro. Os discursos racistas são hoje mais uma negação de si mesmo do que um insulto ao negro já que somos, assim como Gregório de Matos, frutos da miscigenação.

Podemos ver agregado ao poema o estereótipo do “negro fedido” reproduzido através da metáfora do mondongo, comparando o odor do inseto ao do negro. Vê-se ainda no poema o estereótipo do mulato insensato, tagarela e bestial. Quando a literatura se usa de estereótipos como esse, acaba concedendo a eles *status* de verdade e os enraizando no íntimo do leitor, que de certa maneira é atravessado por esses valores.

No entanto, o histórico de disseminação de estereótipos de Gregório de Matos não se encerra por aqui, ele também se refere à negra sensual e sexual através do poema Anica, onde fala de uma mulata prostituta.

Eu com Anica querida
me remexo como posso
vós com Patarata vosso
estarei bem remexida:
nesta desigual partida
leve o diabo o engano,
porque eu acho no trocado,
que me vim a melhorar
mas na Moça por soldar,
que vós o Moço soldado
Se bem vos não vai na troca
pela antiga benquerença,
que farei logo a destroca:
porém se Amor vos provoca
a dar-me outros novos zelos,
hemos de lançar pêlos
ao ar por seguridade,
e eu sei, que a vossa amizade
há de custar-me os cabelos.

No movimento romântico destacaremos a obra “Escrava Isaura” de Bernardo Guimarães de 1875. Isaura é uma mulata muito bela e que teve direito a boa educação por meio de sua antiga dona, no entanto essa morre antes de libertá-la. Isaura fica nas mãos de Lêoncio que apesar de ser casado com Malvina faz frequentes galanteios a nossa heroína.

Malvina acaba sabendo das tentativas de seu marido e vai embora, deixando o caminho livre para o mesmo que irritado com os frequentes desfeitos de Isaura acaba usando seu poder para força-lá. Antes que Leôncio consiga seu objeto de obsessão, Isaura e seu pai Miguel fogem para longe onde se passam por outras pessoas, Leôncio busca incessantemente pela escrava. Isaura encontra-se com Álvãro e se apaixonam mas durante um baile da alta sociedade ela é descoberta, e obrigada a voltar para junto de seu desprezível senhor. Álvaro tenta impedir a separação mas se vê obrigado a desistir ao ver Leôncio no Recife pronto para levá-la embora. Já na fazenda Campos dos Goytacazes, Leôncio resolve prender Isaura em um lugar totalmente isolado onde definha aos poucos até que, para cumprir a promessa que tinha feito a Malvina no intuito que essa retorne a fazenda, Leôncio decide casar Isaura com o horrível Belchior, em troca seria liberta e seu pai perdoado da dívida que contraira devido a fuga, sem opção ela então aceita. No dia do casamento Álvaro aparece, tendo em mãos as promissórias referentes a todas as dívidas de Leôncio que se encontrava em falência, portanto não era mais dono de Isaura nem da fazenda. Leôncio em seu desespero, dá um tiro em sua própria cabeça.

Podemos perceber nessa obra a exaltação e a construção de uma heroína através de uma mulher escrava, apesar da falsa impressão de mudança que obra sugere, pode-se notar mascaradas a preservação da suposta inferioridade do negro. A frequente exaltação de características como beleza, inteligência e bondade atribuídas à Isaura são descritas já nas primeiras páginas *"A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaxada por uma nuance delicada que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada"* e reforçadas incessantemente pelo autor deixa evidente que essas são provenientes como afirma Alfredo Bosi 1994 *"toda a beleza da escrava é posta no seu não parecer negra"*. Esse não parecer negra faz com que Isaura possa ter características memoráveis, e a obra, aceitação, já que não entra em divergência com a ideologia da época.

A inferioridade do negro na obra fica claro ao compararmos a personagem Isaura e a mulata Rosa descrita como *"esbelta e flexível de corpo, tinha o rosto mimoso, lábios um tanto grossos mas bem modelados, voluptuosos(...)"* a citação deixa claro a proximidade das características da personagem com o negro. É atribuído ainda à esta, elementos como maldade e inveja, sendo que é frequentemente citada na obra tecendo comentários maldosos no intuito de prejudicar Isaura reforçando o estereótipo do "negro ruim". O autor apresenta através dessa personagem sua ideologia abolicionista, onde usa-se da mulata para mostrar o perigo da escravidão para as "famílias de bem", que vivendo em contato com o negro escravo se degeneraria. Isso se afirma no fato de Rosa ser amante de Leôncio, sendo assim a ruindade do

negro associado a inteligência do branco, somado ao fator da escravidão resultaria na perversidade da personagem Rosa.

Outra referência em manutenção de estereótipos é Aluísio de Azevedo, escritor do período realista, que em nome da estética se atem a narrar costumes e a sociedade. É o que faz o referido autor em *O Mulato* de 1881. Em que o protagonista Raimundo, que é mulato, apesar de seu diploma em direito, conseguido na faculdade de Lisboa não se livra do preconceito da sociedade maranhense, principalmente quando se vê apaixonado por sua prima Ana Rosa que é branca, a qual seu pai Manoel Pedro queria que se casasse com seu empregado de confiança Dias. O amor de Raimundo e Ana Rosa sofre com o preconceito, e as tramas são tantas que Raimundo acaba atocaiado e assassinado a tiros por seu rival Dias que acaba se casando e constituindo família com Ana Rosa.

Já em 1890 Aluísio de Azevedo lança o livro "*O Cortiço*" que assim como a obra anterior mostra a sociedade da época, acabando por reproduzir vários estereótipos circulantes. O romance se passa no cortiço de João Romão, um homem avaro, amasio da negra Bertoleza. Representando a burguesia da época temos o personagem de Miranda a qual vive em conflito com João Romão. Ali são narradas diversas histórias, dentre elas a mais representativa para este trabalho a de Rita Baiana uma mulata descrita com certo ênfase nos seus dotes físicos e na sua amoralidade, que era amante de Firmo que também era mulato, (...) *e ela apesar de volúvel como toda a mestiça, não podia esquece-lo por uma vez; metia-se com outros, é certo, de quanto em quanto*(...). Jerônimo, um português, e sua esposa se mudam para o cortiço. Este era honesto e trabalhador mas acaba seduzido por Rita e se transformando em um homem entregue aos vícios que acaba, assim como Dias, fazendo uma emboscada e matando Firmo a pauladas. Por fim abandona sua esposa e foge com Rita Baiana.

No livro de David Brookshaw "*Raça e Cor na Literatura Brasileira*" vemos algumas considerações a cerca dos estereótipos. Segundo o autor, eles seriam classificáveis em positivos e negativos, e no decorrer dos anos estariam sujeitos à mudanças. O autor faz um apontamento sobre a manutenção do estereótipo do mulato sensual presente em ambas as obras de Aluísio de Azevedo.

"O aspecto mais original da caracterização que Azevedo faz do mulato, e particularmente da mulata, é que essa caracterização serve de símbolo do Brasil. A voluptuosidade de Rita Baiana reflete a abundância e a sensualidade da natureza brasileira, o que não é difícil de explicar se lembrarmos que para os Naturalistas o ambiente governa o caráter. (...) Esta visão da mulata apontava para a literatura nativista dos anos 20 e 30 deste século, quando o estereótipo negativo da mulata imoral deveria evoluir em direção da reabilitação e tornar-se mais uma vez o símbolo da beleza e do desejo nacionais". (BROOKSHAW, 1983:45)

O estereótipo da mulata sensual em Azevedo evoluiria para símbolo nacional como antecipa David Brookshaw. No entanto esse crédito não é dado ao negro já que temos como representante desses nas obras, Bertoleza e a mãe de Raimundo ambas descritas como feias, sinal que essas características não seriam provenientes do negro, e sim do branco como já era previsível.

Observe que "O Cortiço" é uma obra publicada após a libertação dos escravos e a situação desses ainda não mudou, o ambiente do cortiço acaba se assemelhando com as senzalas onde pessoas de idades e sexo diferentes convivem juntas, onde a higiene é precária assim como a saúde de seus habitantes. Na obra a origem do lugar é descrita como "*é naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a ferver, a crescer, um mundo, (...) e multiplicar-se como larvas no esterco*". O ambiente descrito pelo autor se assemelha à vida dos escravos nas senzalas, o que Luis Fernando afirma ser a propagação dessas.

Nesse momento de nosso trabalho iremos dar atenção especial para o autor Monteiro Lobato fazendo uma breve resumo de suas principais obras assim como quaisquer fatos que sejam relevantes para nossa possível conclusão.

Monteiro Lobato foi escritor do século XX fez obras infantis, um romance *O Presidente Negro* e várias críticas, uma característica forte nas obras desse escritor é a busca por uma identidade própria, além de deixar evidente sua formação ideológica, seja na defesa do petróleo e do ferro brasileiro ou mesmo seu despreço pela figura do negro. Suas obras de maior repercussão foi *Velha Praga* que posteriormente se tornaria no livro *Urupês* nele o personagem do caboclo Jeca Tatu simboliza todo atraso e miséria do campo, posteriormente o autor apresenta o personagem Jeca Tatu em uma roupagem diferenciada Jeca Tatu *A Resurreição* no entanto não é possível afirmar que essa roupagem ainda não conserve em sua essência os estereótipos negativos a cerca do negro, segundo David Brookshaw:

"Em última análise, o nacionalismo de Monteiro Lobato tinha raízes em um profundo desejo de ser autêntico, e não confiar em valores impostos de fora. Foi seu racismo e ao mesmo tempo o respeito por aqueles a quem considerava autênticos o que o fez adotar oportunamente um estereótipo positivo para o negro. Sua aversão pelos traços físicos do negro e seu receio da miscigenação opunham-se ao respeito pelo negro quando entregue a si mesmo. Ele odiava o negro no que dizia respeito ao contato com o branco, mas admirava suas qualidades quando isolado. Em ambos casos, pode-se afirmar, ele era um racista. Simpatizava com o negro contanto que fosse selvagem, pois deste modo era autêntico" (BROOKSHAW, 1983:70-71)

No entanto o estereótipo negativo da selvageria e a busca pelo primitivo mencionada pelo autor se transformaria em símbolo para o modernismo, Monteiro Lobato então inalgura uma nova forma de ver o negro e o estereótipo antes negativo passa a ser positivo como prevê David Brookshaw.

Monteiro lobato nos interessa mais enquanto escritor infantil, esse revolucionou a literatura infantil dando voz a criança através da personagem Emília, porém em suas obras pode se perceber a presença de estereótipos a cerca do negro, representados pela personagem Tia Nastácia.

III - TIA NASTÁCIA IMAGEM EM CONSTRUÇÃO: A MANUTENÇÃO DE ESTEREÓTIPOS EM MONTEIRO LOBATO

Tendo em vista todo esse percurso de inferiorização do negro tanto na vida, como na literatura partiremos então para a Literatura infantil da qual Monteiro Lobato, alvo do nosso trabalho, faz parte.

Sabe-se da tradição pedagógica que sempre esteve relacionada a literatura infantil no decorrer dos anos, como esclarece Regina Zilberman em “A literatura Infantil na Escola” essa (...) *era amarrada à contribuição do passado, não se renovava: e, com isto, impedia o aproveitamento do moderno, da atualidade, do tempo(...)* Monteiro Lobato se distanciou desses moldes quando pensou a criança como criança, e não como um “adulto pequeno” como era pensado no século XVIII. Esse fez obras que realmente eram lidas e saboreadas, já que constituía com a criança uma relação de proximidade devido ao autor construir histórias sempre relacionados com o imaginário infantil e o real, usando por várias vezes onomatopéias “*nhoque, upa, Cororicocó, uf*” criando uma sensação de realidade. Não há dúvida alguma da grandeza do autor, assim como dos méritos e contribuições deste para com a literatura infantil brasileira.

No entanto temos explícito em sua obra a manutenção dos estereótipos a cerca do negro, algumas vezes reforçando os negativos(...) Esses estão representados pela personagem Tia Nastácia que é negra e a cozinheira do Sítio. Podemos perceber nas obras a posição despreviligiada desta, sempre tratado com descaso, frequentemente insultada pela personagem Emília que segundo alguns estudiosos seria a voz do autor.

Focando nossas atenções para três obras em especial *Reinações de Narizinho*, *Histórias de Tia Nastácia* e *Memórias da Emília* podemos ver ali reproduzidos estereótipos como o do negro ignorante. Em *Histórias de Tia Nastácia*, na qual Pedrinho, na curiosidade de saber o que é folclore, solicita a tia Nastácia que lhe conte algumas histórias. O livro é composto por várias histórias retiradas do folclore, enquanto Nastácia conta, por vezes é interrompida pelos comentários insatisfeitos da platéia deixando transparecer então o descaso com as histórias contadas pela negra.

- E os tais pássaros de pluma?-disse Narizinho.

-Que é que entende você por pássaro de pluma, Nastácia?

-Não sei, menina. – respondeu a preta.-A história eu ouvi assim e por isso conto assim.Pássaro de pluma é passaro de pena , parece.
 - E já viu pássaro que não seja de pena,sua tola?- disse Emília.-
 o que vale é que você mesma confessa não ter culpa das idiotices da história, senão eu cortava um pedaço desse beijo...(LOBATO,2005:21)

Na citação podemos ter um panorama do resumo de todo o livro, que consiste na reprovação das histórias contadas pela negra e nos frequentes insultos a essa, citando autores como Andersen e outros, isso produz no leitor um efeito de diminuição e inferiorização, não somente as histórias populares como também da negra que as conta.

Outro elemento que nos leva a pensar as obras de Monteiro Lobato enquanto mantedoras do estereótipo do negro animal, se dá a partir do fato da personagem de Tia Nastácia ser frequentemente chamada de *negra beijuda*. No entanto quando o termo beijo está se referindo a quaisquer outro personagem humano do sítio, Emília logo faz objeção: “- Beijo é de boi .”mesmo sabendo da empregabilidade do termo a boneca de pano ainda o emprega se referindo a Nastácia, mostrando suas reais intenções no emprego do termo: dar a negra características de animal.

- Pois apareceu lá uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço.”menino”, disse-me ela, “é aqui a casa onde mora duas velhas dugudéias em companhia duma meina de nariz arrebitado, muito mal criada?”Furioso com a pergunta respondi: “Não é da sua conta. Siga seu caminho que é melhor.” “Ah, é assim?” exclamou ela. “Espere que te curo!” E me virou a mim em passarinho, virou vovó em tartaruga e tia Nastácia em galinha preta...

(...) - Veja Emília, que desgraça!- gritou Narizinho em lágrimas.Vovó é aquele bicho cascudo que está na rede! Nastácia é aquela horrenda galinha preta a qual mais parece urubu...(LOBATO,1982:43)

Observe que na citação acima, retirada de Reinações de Narizinho, na qual os personagens do sítio são transformados em animais, fato comum no universo imaginário que até então não constitui a manutenção de estereótipo, mas que se configura como tal na seleção dos animais que como observa sabiamente Luiz Fernando a tartaruga é símbolo de sabedoria, o pássaro está estritamente ligado a céu, e a galinha representa a maternidade, fica explícito a condição de superioridade do pássaro e da tartaruga em relação a galinha. Fato decisivo nessa conclusão se dá pela permanência da cor preta, mesmo transformada em animal Nastácia ainda conserva a cor preta e ainda é comparada com um urubu, que está popularmente relacionada ao azar.

Outro fato digno de destaque é o fato das aparições de Nastácia estarem sempre relacionadas ao ambiente doméstico servindo ou se preparando para servir. Sua condição de

empregada, é questionável já que se refere a Dona Benta enquanto *sinhá* termo usado pelos escravos para se referir a seus senhores. Sua condição de servil nos remete ao estereótipo do escravo servil, já que nos textos onde essa aparece sendo insultada pelos personagens do sítio, por exemplo em Memórias da Emília quando o anjo foge Emília enfurecida não chora como as demais crianças, ela vai ao encontro de Nastácia, elege a enquanto culpada e descarrega toda sua raiva na negra, que nada responde. É claro o desprestígio da personagem negra assim como o estereótipo do servil na obra já que essa não tem confronto nem mesmo com sua criação- a boneca de pano.

No mesmo livro podemos focalizar o momento em que as crianças inglesas voltam para casa, se despedem com um *Hurra!* de Dona Benta, Narizinho, Pedrinho Emília e não se referem a Nastácia que está na cozinha. No episódio a ausência da saudação poderia representar apenas o esquecimento da personagem, no entanto quando o narrador informa ao leitor o local onde essa está, assim como a indiferença da mesma à não saudação “-Como estes inglesinhos urram, meu Deus!...” leva o leitor a concluir que aquele fato já lhe é comum.

Outro fato que nos faz atentar aos estereótipos que Monteiro Lobato reproduz pode ser observado quando, por inúmeras vezes durante as obras o narrador substitui o nome da personagem, por uma característica física dessa “*negra beicuda*” “- Disse a preta” esse fato faz adultos se remetam a simbologia da cor, e nas criança uma idéia de reforçamento da característica que faz de Tia Nastácia, um personagem diferente dos demais ou seja, uma negatização das origem e da cor da personagem.



Os livros de Monteiro Lobato não esgota seus estereótipos nas palavras, ele se estende as gravuras que ilustram a personagem Tia Nastácia quase como um borão preto, com lábios exageradamente carnudos dando a ela uma aparência desagradavelmente feia. Fanny Abramovich faz um panorama de como aparece o negro nas obras infantis:

“...somente ocupa funções de serviçal(setor doméstico ou industrial e aí pode ter um uniforme profissional que define enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário).Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida(...)Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda, seu ótimo coração e seu colo amigo são espessos no texto ou talvez nas entrelinhas” (...) (ABRAMOVICH,1997:36)

Observando a ilustração de Tia Nastácia e suas aparições na obra podemos observar esse tipo de generalização que a autora descreve, essa se mostra preocupada não com a qualidade dos desenhos, mas sim com os “*estereótipos, estreitadores da visão das pessoas*”.Sendo assim fica evidente que eles existem na obra e segundo suas próprias palavras faz se necessário que não se tome como verdade absoluta, que se interprete o momento, amplie as referências, não se limitando a estereótipos. No entanto sabendo do público alvo desses livros podemos supor que boa parte desses leitores não tem condições de interpretar uma possível crítica a sociedade da época como tentam justificar alguns críticos.

Luiz Fernando traz em sua dissertação algumas posições interessantes a cerca das obras de Monteiro Lobato mostrando o posicionamento de alguns criticos. Criticos esses acreditam que ele estava apenas sendo realista quando “cria essa personagem preta e ignorante” outros acreditam que deve se fazer uma leitura crítica na questão racial, essa deve ser monitorada e o tema discutido juntamente com a criança, essa é certamente a melhor maneira de romper com os estereótipos a cerca do negro existentes na obra de Monteiro Lobato.



CONCLUSÃO

A partir dos levantamentos e dados teóricos estudados durante esse período podemos concluir então que as obras de Monteiro Lobato reproduzem sim os estereótipos a cerca do negro, não somente os negativos mas inaugura ali um novo modo de ver o negro dando a partir dos anos uma caracterização diferenciada para esse. Não buscamos no trabalho diminuir as obras do autor apenas reforçar e atentar mos para estereótipos que nos são transmitidas através da literatura.

Assim a obra infantil de Lobato deve ser lida não há duvidas, tanto por seu teor literário e pelo respeito a toda contribuição que essas obras deram a Literatura Infantil, no entanto, esses livros exigem certa cautela quando se refere ao negro, haja vistas esses esteréotipos serem internalizados pelas crianças e possivelmente reproduzidos.

Sendo assim acreditamos que é a partir de pequenas observações como essa, que poderemos modificar todo nosso histórico de inferiorização e estereotipização do negro não somente na literatura mas também na sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil, Gostosas e Bobices*. São Paulo: scipione, 1997.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira*. Melhoramentos, São Paulo, 1990
- AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Ouro[s.d.]
O Cortiço. Ouro[s.d.]
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. Cultrix, São Paulo, 42ª ed. 1994.
- BROOKSHAW, David. *Raça & Cor na Literatura Brasileira*. Mercado Aberto, Porto Alegre-RS, 1983.
- CHEVALIER, Jean. Dicionários de símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Numeros. 18ª ed.-Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- FRANÇA, Luiz Fernando. *Personagens Negras na Literatura Infantil Brasileira: da Manutenção à Desconstrução do Estereótipo*. Cuiabá: o autor, 2006.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Ouro, Rio de Janeiro. [s.d]
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. Ed brasiliense São Paulo 1982
Memórias da Emília. Ed. Brasiliense São Paulo 1994
Histórias de Tia Nastácia. Ed Brasiliense São Paulo 1995
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: das Raízes ao Romantismo*. Cultrix São Paulo 2001.
- SILVA, J. Martiniano. *Racismo à Brasileira: Raízes Históricas*. Thesaurus Goiás 1987.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. Global, São Paulo 2003.